

Dossiê: “Ensino da Antropologia em Contextos Interdisciplinares e Interculturais: formação, experiências e desafios”



Fonte: Margaret Mead conducting a tele-lecture in 1960, probably at Omaha University, Omaha, Nebraska, November 11, 1960. Manuscript Division, Library of Congress (282a)

Organizadores

Antonella Tassinari

Ari José Sartori

Susana Matos Viegas

Apresentação

Presentation

Antonella Tassinari¹
Ari José Sartori²
Susana Matos Viegas³

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

²Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil

³Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal

A preocupação com o ensino da Antropologia tem desafiado seus praticantes a pensarem estratégias para o exercício da docência, sejam os que exercem o ensino nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), sejam os antropólogos(as) já titulados e que exercem a docência em diferentes contextos culturais, em instituições públicas ou privadas, no Brasil ou em outros países. Isso porque, em qualquer um desses contextos, é preciso (re)pensar a transmissão dos conhecimentos antropológicos também para além de seus espaços tradicionais. Esse não é um desafio recente, já vem de longa data e se confunde com a própria criação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a instituição científica mais longeva do Brasil.

É com esse desafio que organizamos a publicação desta coletânea de artigos que tem como tema central o ensino da antropologia em contextos interdisciplinares, interculturais, presentes nos Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) no Brasil e em Portugal. Esses programas têm, especificamente, a tarefa de formar futuros docentes da disciplina, além da já consagrada formação de pesquisadores(as).

O presente dossiê começou a ser pensado quando, na pesquisa de pós-doutorado, realizada por um dos organizadores desta coletânea no Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da UFSC, no Brasil, e no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, juntamente com as supervisoras, nesses dois países, também com ele responsáveis pela organização do dossiê, vislumbraram o grande interesse que o tema da pesquisa despertava nos(as) colegas antropólogos(as) brasileiros(as) e portugueses(as). Foi com essa motivação que o resultado da pesquisa transbordou para esta coletânea, com a participação de vários colaboradores(as).



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

No entanto, como ensina Malinowski, os imponderáveis sempre surgem e precisamos estar preparados para os superar. Em 2018, quando a pesquisa foi finalizada e começávamos a organizar a coletânea, não prevíamos o crescimento do interesse no tema. Inicialmente, organizamos no *18th IUAES World Congress*, um Open Painel OP 101, sobre a intersecção entre antropologia e educação e incentivamos os(as) colaboradores(as) participantes da pesquisa no Brasil e em Portugal a apresentarem suas comunicações. Muitos as submeteram e apresentaram. Na sequência, já no ano de 2019, outros(as) interessados(as) somaram-se à proposta. Para contemplá-los, foi preciso alargar os prazos para a finalização do dossiê. No entanto, no início de 2020, quando o estávamos fechando, fomos todos(as) surpreendidos(as) pela pandemia, que não só atrasou o fechamento dos artigos, como nos obrigou a repensar a viabilidade de os publicar, considerando o contexto das aulas remotas e o impacto nas universidades. Depois de refletir, decidimos publicá-los na forma como seus autore(as) tinham enviado seus textos. Alguns conseguiram revisá-los, incluindo reflexões sobre o ensino no contexto da pandemia, enquanto outros mantiveram os textos no formato original. Não temos dúvidas de que o impacto provocado pela pandemia no ensino em todas as áreas e, particularmente, no ensino da Antropologia, será enorme, pois entendemos que, com o esperado retorno das aulas presenciais no futuro, elas serão influenciadas (esperamos que positivamente) pela experiência das aulas remotas, tanto em sua organização quanto nos processos de ensino e aprendizagem. Ainda que consideremos imprescindível ter em conta esses impactos, entendemos que os principais aspectos apresentados nos sete artigos deste dossiê continuarão sendo atuais e não serão eliminados com esse debate, necessário e urgente. Serão outros desafios que teremos que enfrentar na pós e mesmo durante a pandemia causada pela Covid-19, que nos obrigará a rever algumas de nossas práticas pedagógicas.

Os sete artigos abordam temáticas caras ao ensino da Antropologia, pois abrangem a formação dos docentes nos PPGAS, passando pelas reflexões sobre a importância do ensino da disciplina em diferentes áreas e cursos na pós-graduação, em especial na graduação, como na Enfermagem, em Ciências Sociais, Pedagogia e nos cursos de Licenciatura Intercultural Indígena. Refletem-se também no processo da aprendizagem, para além da sala de aula, caso da pesquisa de campo, por exemplo. Mesmo que esses artigos não contemplem todas as áreas do ensino e todos os campos de atuação dos docentes antropólogos(as), são trabalhos que jogam luzes para a contribuição da antropologia, para além das áreas do conhecimento neles analisadas.

O artigo da Antonella Tassinari, “Mitologia se ensina na escola? Reflexões a partir do Curso Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC”, por exemplo, analisa a experiência de lecionar a disciplina *Mitologia Indígena* aos acadêmicos guaranis, kaingang e xokleng-laklânô no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC. Nele, a autora descreve o processo de (re)elaboração do programa da disciplina, em constante diálogo com os discentes. Tassinari vai além do diálogo realizado em sala de aula com os(as) estudantes – o qual, pode-se constatar, tem sido muito frutífero, pois tem levado muito a sério o que os/as discentes indígenas tinham para dizer sobre conceitos e categorias, induzindo a repensá-los juntamente com eles. A autora soube escutar, e isso se materializou na ampliação do campo semântico dos termos *mito* e *mitologia* e na reformulação do programa e dos conteúdos da disciplina. Ou seja, mesmo que este artigo tenha sido elaborado a

partir da experiência de um curso específico da Região Sul, ele trata de temas sensíveis para qualquer curso intercultural indígena do país.

Já os artigos de Camila Sissa Antunes e Maria Manuel Quintela discutem a contribuição da Antropologia nos cursos de Enfermagem, no Brasil e em Portugal, dialogando sobre a sua importância na formação dos futuros profissionais nos dois países.

O artigo de Antunes, sem desconsiderar os limites do ensino da Antropologia nos cursos de enfermagem, indica que a disciplina pode oferecer significativas contribuições e aportes teóricos aos futuras(os) enfermeiras(as), destacando, particularmente, seu potencial transformador das práticas e concepções de mundo. Essas contribuições foram expressas em depoimentos enfáticos dados pelas(os) discentes de Antropologia no curso de enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que destacam a importância da matéria em sua formação e para melhor prepará-los profissionalmente.

O trabalho de Maria Manuel Quintela, também docente de Antropologia em um curso de Enfermagem, mas na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Portugal (ESEL), trata do modus *vivendi/faciendi* em construir programas de unidades curriculares nas áreas das ciências sociais, sociologia e antropologia, consolidadas na disciplina curricular Antropologia e Sociologia, para os níveis de graduação e mestrado. A autora traça uma importante reflexão e análise das noções de margem e de fronteira da disciplina de Antropologia no curso. Suas considerações são instigantes, pois dialogam, a partir desses conceitos antropológicos, sobre as fronteiras disciplinares e epistemológicas. A autora analisa os conceitos de cultura e sociedade para introduzi-los no campo da saúde e da doença, para, só então, desenvolver os temas relativos ao corpo, à doença, ao sofrimento, aos sistemas médicos e às práticas terapêuticas. Para alcançar esses objetivos, Quintela descreve a importância que algumas atividades práticas, como os exercícios etnográficos, têm na consolidação da disciplina e as aplica como estratégia pedagógica para construir um outro olhar sobre a compreensão da diversidade e da diferença. O artigo também aborda as expectativas dos(as) estudantes de enfermagem com a disciplina, registrados por depoimentos reveladores de sua importância no curso, fazendo coro com os depoimentos relatados nesse mesmo curso no Brasil, apresentados no artigo de Camila Sissa Antunes.

O artigo do Alberto Groissman traz reflexões sobre vários aspectos da construção do conhecimento, com destaque para as experiências vividas no trabalho de campo e na constituição da etnografia. Nele, o autor articula dois campos, aparentemente muito distintos – a etnografia e a mediunidade –, problematizando as polarizações que envolvem ciência e academia. O artigo reforça e amplia a perspectiva sob cujo viés trabalhamos neste dossiê, ao concebermos o ensino da antropologia num sentido alargado de aquisição dos conhecimentos – conhecimentos esses, geralmente, considerados e valorizados somente como mundos do sensível. Groissman supera a pura racionalização desse conhecimento, indicando haver outros caminhos possíveis. Ao propor uma “ontologia (re)flexível(va)”, indica a sua preocupação com todo o processo do conhecimento, para além do conhecimento empírico e da experiência. Ele, busca reintroduzir a dinâmica no ser, a partir das incertezas dos descondicionamentos. Entretanto, no final, se(nos) questiona se tal propósito é factível? E, ele mesmo responde: “Uma ontologia (re) flexível(va) é, a meu ver, o que motiva e consolida esta nova fase dialógica na sociedade contemporânea [...] e se pensarmos que faz parte do papel do pesquisador instabilizar

e desafiar certezas e condicionamentos, talvez eu possa ter alguma esperança de que minhas interrogações não são estéreis”.

Já o artigo de Ceres Karam Brum traz uma instigante discussão sobre as potencialidades da inclusão do ensino de Antropologia da Educação na formação de cientistas sociais na atualidade, dialogando com a concepção ingoldiana da Antropologia como um processo educativo. Faz sua apurada análise a partir da experiência de docência da disciplina de Antropologia da Educação, vinculada ao Centro de Educação da UFSM/RS, narrando as dificuldades e os aprendizados que obteve na implantação da disciplina na reformulação do Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso de Pedagogia. Brum destaca os limites e sugere estratégias para superar os entraves para a implantação da disciplina em ambientes dominados por outros campos do conhecimento, que, muitas vezes, impedem de levar adiante o ensino da matéria nesses espaços.

O artigo da Sonia Maluf, “Ensinar antropologia em tempos sombrios”, traz uma importante reflexão sobre os impactos, no campo da educação, das mudanças políticas e sociais vividas no País, a partir do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e da eleição, em 2018, de um presidente representante da extrema-direita. As análises apuradas de Maluf partem da sua experiência de mais de três décadas como docente de Antropologia em diferentes cursos de graduação e pós-graduação, que lhe dão legitimidade para conceber a sala de aula e o ambiente educacional como *locus* privilegiado para a resistência, para a reflexão crítica, dialógica e com potencialidade para a transformação social, para além da transmissão dos conhecimentos.

O dossiê se conclui com o artigo de Ari José Sartori, “Desafios para a formação docente nos programas de pós-graduação em Antropologia”, texto que resultou da pesquisa de pós-doutorado realizada com professores(as) de Antropologia no Brasil e em Portugal. Nele, o autor dialoga sobre os desafios metodológicos e pedagógicos enfrentados pelos programas de pós-graduação em Antropologia de ambos os países, na formação de antropólogos(as) para o exercício da docência. Os resultados sinalizam ser consensual a falta de preparação para a docência nos PPGAS, comparativamente com o empenho dedicado à pesquisa. Sartori vai além desse diagnóstico ao destacar algumas propostas sugeridas e apresentadas pelos(as) antropólogos(as) colaboradores(as) entrevistados nos dois países.

As discussões aqui apresentadas revelam a pertinência de um olhar antropológico voltado para a formação antropológica, seja nas salas de aula de graduação e pós-graduação, seja na formação durante a pesquisa de campo e construção etnográfica. Desnaturalizar a aprendizagem de antropologia, considerá-la como um processo de autotransformação, de transformação social e de nossas categorias de pensamento, assim como mostrar o potencial do ensino da antropologia para antropólogos(as) e não antropólogo(as) são alguns dos objetivos que motivaram a elaboração do presente dossiê.

Esperamos que ele contribua e fortaleça cada vez e sempre mais a formação na graduação e pós-graduação e instigue os(as) colegas a divulgarem suas experiências quanto aos desafios enfrentados no exercício da docência, antes, durante e depois da pandemia, o que esperamos aconteça o mais breve possível.

Boa leitura!

Apresentação

Antonella Tassinari

Antropóloga, com graduação em Ciências Sociais (1990) e doutorado em Ciência Social (Antropologia) na Universidade de São Paulo (1998). Realizou estágio pós-doutoral no EREA (Centre Enseignement et Recherche en Ethnologie Amérindienne) em convênio com a Université de Paris X Nanterre (2005) e no Departamento de Antropologia da Universidade de Montréal, Canadá (2014/2015). É Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculada ao Departamento de Antropologia, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão no Núcleo de Estudos de Populações Indígenas (NEPI). Atualmente coordena o Curso e Graduação em Antropologia na UFSC. É membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Antropologia. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, Antropologia da Educação e Antropologia da Criança, atuando principalmente nos seguintes temas: povos indígenas, infância e educação indígenas, identidade étnica, diversidade cultural e educação escolar, história e ensino de Antropologia.

Endereço profissional: Departamento de Antropologia, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: antonella.tassinari@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8649-7593>

Ari José Sartori

Antropólogo, Mestre (1999), doutor (2010) e pós-doutor (2018) em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Professor Associado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Campus Chapecó e pesquisador efetivo do Instituto Brasil Plural (INCT). Possui experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria antropológica, antropologia da educação, ensino da antropologia, estágios supervisionados, formação de professores, relações de gênero, sexualidade e educação.

Endereço profissional: Universidade Federal Fronteira Sul, Campus Chapecó, SC. CEP: 89802-112.

E-mail: ari.sartori@uffs.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7344-3633>

Susana de Matos Viegas

Antropóloga, investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Fez o doutoramento (2003) em antropologia na Universidade de Coimbra. Foi Presidente da Associação Portuguesa de Antropologia (2006-2009), membro da Direção da AILPcsH (2012-2015). Realizou pesquisa antropológica e foi coordenadora da Demarcação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença (1997-2009), mantendo pesquisa sobre questões indígenas e territorialidades no Brasil, e sobre antepassados, historicidades, paisagem e vivências territoriais entre os Fataluku em Timor-Leste. É membro da comissão editorial e científica de várias revistas em Portugal, no Brasil e em Timor-Leste.

Endereço profissional: Instituto de Ciências Sociais, Av. Professora Aníbal Bettencourt, n. 9, 1600-189, Lisboa, PT.

E-mail: smviegas@ics.ulisboa.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5975-9327>

Como referenciar esta apresentação:

TASSINARI, Antonella; SARTORI, Ari José; VIEGAS, Susana Matos. Apresentação
Dossiê: Ensino da Antropologia em Contextos Interdisciplinares e Interculturais:
formação, experiências e desafios. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v.
24, n. 1, e84156, p. 7-12, janeiro de 2022.